

MARIA DO ROSÁRIO CAETANO

Enquanto o secretário de Cultura e Esportes, Márcio Cotrim, presta serviços à Comissão Olimpíadas do Ano 2000, em Barcelona/Espanha, a diretora-executiva da Fundação Cultural, Maria Luíza Dornas, anuncia as novidades da pasta. Na manhã de ontem, em concorridíssima coletiva à imprensa, ela lançou o primeiro projeto de sua gestão, iniciada mês passado — o *Arte Candanga* — e percorreu as dependências da Sala Villa-Lobos, seu foyer, a Sala Alberto Nepomuneco e o restaurante plantado no cume da pirâmide Niemérica, para falar de reformas e prometer "um novo tempo" para o principal centro de artes e espetáculos da cidade.

Para temperar a conversa, Luíza Dornas respondeu a perguntas sobre temas, que vêm agitando os bastidores culturais da cidade: a prática de nepotismo tanto na Secretaria de Cultura, quanto na FCDF; a cassação do mandato do jornalista Romário Schettino, junto ao Conselho Deliberativo da Fundação; o fim do Prêmio Brasília de Artes Plásticas e o marasmo que tomou conta do Setor de Difusão Cultural, que deveria abrigar a Sala Cinemateca "num prazo de três meses".

Arte Candanga — O projeto *Arte Candanga*, o primeiro elaborado pela gestão Luíza Dornas, foi apresentado à imprensa em brochura de 18 páginas, contendo conceituação e atrações artísticas. Ao mostrá-lo, Luíza Dornas avisou: "Este projeto é uma reedição do *Projeto Platéia*, do qual participei ativamente no início dos anos 80, só que melhorado e adaptado". E mais: "Este é o início do cumprimento de uma das promessas de campanha do governo Roriz, que pretende, em todas as áreas, inclusive a cultural, atender às comunidades de todas as satélites e assentamentos".

A diretora-executiva da FCDF diz que o *Arte Candanga*, ao contrário do *Projeto Platéia*, "não leva a arte do Plano Piloto às satélites", mas sim, "aceita propostas da própria comunidade e fornece infra-estrutura". Agindo assim, acrescenta, "permitimos aos artistas de cada comunidade a difusão de seu trabalho em todo o Distrito Federal".

O projeto, orçado em Cr\$ 350 milhões, terá início no próximo dia nove, no Paranoá, Sobradinho, Taguatinga, Ceilândia, Gama e Brazlândia, e no dia seguinte, no Cruzeiro, Guarã, Planaltina, Samambaia, Santa Maria e Núcleo Bandeirante. Até o mês de dezembro, o "novo Projeto Platéia" percorrerá ruas, parques e casas de espetáculos destas 12 comunidades.

Durante a coletiva à imprensa, apareceram três integrantes do movimento cultural das satélites — Chico Morbeck e Lila Sardinha, do Grupo Mandacaru, de Ceilândia, e Leovani Gregório, da Associação de Arte e Cultura de Taguatinga. Eles tomaram conhecimento do projeto e, no calor da hora, apontaram "seus defeitos". Primeiro, ponderou Leovani, "gostaria de saber quem elaborou este projeto. Que entidades comunitárias foram ouvidas?" E acrescentou: "Se tudo foi decidido em gabinete, por quê, então, estamos participando de reuniões e seminários propostos pelo secretário Márcio Cotrim, nas várias satélites?"

Ao deparar-se com a grade de programação, onde se anuncia rodízio de quatro espetáculos (*Dança, Brincando na Rua, Música de Câmara e Ópera Pedro e o Lobo*) por 12 locais (inclusive a nova Santa Maria), Leovani não se conteve: "Mas o que é isso — *Dança? Brincando na Rua?* Quem vai dançar, quem vai dinamizar a brincadeira de rua?"

Chico Morbeck, secretário-geral do Conselho de Cultura do DF, por sua vez, ponderou: "De onde saíram estes generosos Cr\$ 350 milhões pa-

Platéia, Bis

O antigo Projeto Platéia volta "melhorado e adaptado" pela nova gestão da FCDF em busca de uma assistência às satélites

ra as satélites, se ano passado, o movimento cultural de Ceilândia mal recebeu uma parcela dos Cr\$ 750 mil necessários ao *Projeto Curto Circuito*, que atendeu a dezenas de grupos, levando-os às 90 escolas da rede pública?"

Morbeck e Leovani saíram do Teatro Nacional prometendo discutir, em profundidade, o novo projeto com produtores e agitadores culturais das satélites. Afinal, desconfiam, "este *Arte Candanga* cheira a dirigismo político".

Maquiagem no teatro — No próximo dia sete, uma quinta-feira, o Teatro Nacional será reaberto à cidade, às 10h00 da manhã. Os turistas e nativos que forem visitá-lo encontrarão o foyer da Villa-Lobos munido com nova decoração, uma loja *Arte Capital* e "um bar digno do nome". A Sala Alberto Nepomuneco exibirá vídeos e filmes em 16 milímetros, ao longo de todo o dia. Às 18h30, o escritor Fernando Sabino estará autografando seu livro *A Volta Por Cima*. Depois dos autógrafos, ele comandará, da bateria, um recital de jazz (trará seu conjunto do Rio). À noite, Elba Ramalho animará a Sala Villa-Lobos. Esta, porém, não será a atividade inaugural da temporada da FCDF. "Esta missão", diz Luíza Dornas, "está a cargo da ópera *Tosca*, que estamos montando em parceria com o Teatro Municipal do Rio".

Os novos tempos para o Teatro Nacional estão, porém, longe de se materializar. O que se vai inaugurar no próximo dia sete é a maquiagem de um espaço balzaquiano e cheio de problemas. Foram reparadas apenas algumas rugas e pequenos rasgos. A reforma pesada que a construção exige só será realizada, informa Luíza Dornas, "depois que o Ginásio de Esportes estiver pronto".

Daí que o anunciado sonho de se desfrutar, ainda este ano, do restaurante do cume da pirâmide Niemérica deverá ficar para 92. Afinal, as obras são pesadas e implicam em reparos profundos nos sistemas de impermeabilização e hidráulico. A infiltração de águas da chuva já causou sérios abalos à edificação. E, se não forem reparadas com urgência, as goiteiras poderão, dentro de algum tem-



Luíza Dornas também quer o Teatro Nacional com mais opções

po, pingar na cabeça dos frequentadores das três salas do grande teatro.

A bilheteria superior (e externa) da Sala Villa-Lobos receberá, em breve, um polêmico acessório: um toldo ambulante. Luíza Dornas jura que não está cometendo "nenhuma heresia" contra a obra de Niemeyer, pois o que a imprensa rapidamente batizou de *toldo* é, na realidade, "um guarda-chuva quadrado". Isto mesmo, em formato semelhante ao destes toldos que cobrem andores em procissão. Para acalmar os defensores da integridade da obra de Niemeyer, a diretora da FCDF avisa que "o guarda-chuva é móvel e só será utilizado quando necessário".

A loja *Arte Capital* e o bar funcionarão sem promover nenhuma modificação no Teatro. O material da loja será exposto (e recolhido todos os dias) sobre o grande balcão do foyer e as seis mesas (de fibra raton) do bar passarão pelo mesmo processo (serão recolhidas).

Por 60 dias, o bar será explorado pela própria FCDF, que testará o gosto de sua clientela. Se houve movimento e demanda, será aberta concorrência pública para sua exploração por terceiros.

Novos conselheiros — Um dos temas que mais agitam os bastidores culturais de Brasília, neste momento, refere-se às mudanças provocadas por Márcio Cotrim, no Conselho Deliberativo da FCDF. Ele renovou o mandato do conselheiro Guilherme Cabral (eleito pela comunidade no *Seminário de Cultura*, mas que foi cooptado pela gestão Cotrim, onde exerceu o cargo de Coordenador de Programas de Intercâmbio e Integração Cultural. Hoje, é assessor de um senador amazônida) e cassou o mandato do jornalista Romário Schettino (assessor do deputado Geraldo Magela — PT-DF), 20 dias antes de vencer.

A proposta do movimento cultural, que está preparando o *II Seminário de Cultura*, expressava em documento anterior, recomendação de que Guilherme e Romário fossem substituídos por dois suplentes (José Sôter e Eduardo Cabral), até que a comunidade indicasse (no *II Seminário*) os novos nomes. O movimento

cultural está, também, preocupado com a posição anfíbia do conselheiro Antenor Gentil Jr., eleito pela comunidade, para representá-la, e que agora tornou-se funcionário de Cotrim (como assessor parlamentar).

Luíza Dornas isenta-se de responsabilidade nas alterações do Conselho. Para o lugar de Schettino, foi indicado o embaixador Wladimir Murtinho, que já é membro do Conselho de Cultura do DF. "Não fui consultada", assegura, "para nenhuma modificação no Conselho Deliberativo da FCDF. Se o secretário tivesse me ouvido, eu teria sugerido a ele que optasse por pessoas ligadas ao Defer e ao Detur, áreas afins à Cultura". Como se vê, Luíza quer aumentar a representatividade do Governo — e não a da comunidade — no Conselho Deliberativo.

Nepotismo — Nas últimas semanas, quatro parentes de Márcio Cotrim e Luíza Dornas foram brindados com ECs (Encargos em Comissão) dentro da estrutura da SCE/FCDF. Luíza Dornas comenta o assunto com tranquilidade.

"Primeiro", diz ela, "dos quatro, três são funcionários antigos da Fundação. Minha mãe, a bibliotecária Ethel Dornas, está na FCDF desde 1962. Achei natural levá-la para me assessorar, no meu gabinete, devido ao conhecimento que tem da instituição".

O outro caso de parente de Luíza é, também, justificado por ela com calma: "Contratei minha cunhada, Eda Silva Seabra, que é economista, para me assessorar numa área vital — a *Secção de Contratos e Convênios*. Primeiro, procurei entre os funcionários de nível superior da Fundação (que são pouco mais de dez) um de minha inteira confiança para o cargo. Como não encontrei, chamei minha cunhada".

Luíza Dornas não perde o *fairplay* nem quando o assunto é o *Panteão das Primeiras Damas*. O apelido nasceu quando o *marchand* Cláudio Telles foi afastado do comando do Panteão da Pátria para dar lugar a Cândida Lopes, esposa do secretário-executivo da FCDF, Jair Lopes. Ela é professora da rede pública (FEDF), requisitada para a FCDF. Para completar o quadro, a jornalista Eliane Cotrim, esposa de Márcio, ex-assessora de Literatura da Fundação, foi encarregada de co-dirigir o Panteão, junto com Cândida.

A diretora da FCDF não vê nenhuma irregularidade na entrega do comando do Panteão às duas primeiras damas, já que "elas são funcionárias da casa e muito competentes".

Prêmio Brasília — As notícias de que o *Prêmio Brasília de Artes Plásticas* estaria com os dias contados "não procedem". Segundo Luíza Dornas, ele está sendo repensado, por razões práticas: "Vamos ver se ele será anual ou bienal, e vamos ouvir as reclamações de vários artistas, preteridos ou marginalizados, na edição 90 do evento. Se o bom senso mostrar que ele deve ser anual, será".

Um possível desinteresse de Leda Watson, coordenadora do MAB (Museu de Arte de Brasília), por nova edição do Prêmio, segundo Luíza Dornas, não procede: "Leda apenas ponderou que, antes de adquirir novos acervos — via Prêmio Brasília — para o Museu, precisamos reformá-lo, pois apresenta problemas seríssimos". Caso contrário, arremata, "as obras correrão muitos riscos".

Sala / Cinemateca — Quem se entusiasmou com um dos mais sólidos projetos apresentados por Luíza Dornas — tão logo empossada na FCDF — vai ter que esperar, sentado, por sua concretização. A *Sala Cinemateca*, que substituirá a Sala Funarte, era promessa para "três meses". Agora, a própria Luíza fala em "segundo semestre". Os técnicos da Cinemateca Brasileira, parceria da Fundação Cultural no projeto, prevêem oito meses de obras e reajustes na Sala Funarte. Luíza acha muito. E promete não medir esforços para entregar a *Sala Cinemateca* à cidade, devidamente acoplada à Biblioteca de Arte da Fundação (com a memória cultural de Brasília narrada em milhares de recortes de jornais e revistas), "o mais rápido possível". Só que as obras não têm data para começar.

Marcio Batista

Edson Gê